ISSN 2175-5841
HORIZONTE
PUC Minas
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

CC BY

Dossiê: Censo Religioso 2022 – Temática Livre
DOI – *10.5752/P.2175-5841.2025v23n03e230318*

Monarquia e Legitimação: uma Revisão do Estado da Pesquisa sobre 2 Samuel 1,1-17 à Luz dos Novos Paradigmas Bíblicos

Monarchy and Legitimization: a Review of the State of Research on 2 Samuel 1,1-17 in Light of New Biblical Paradigms

Giancarlo Moreira Rodrigues [*]
Luiz Alexandre Solano Rossi [**]

Resumo

A pesquisa acerca da perícope de 2Sm 7,1-17 apresenta, assim como a própria realidade estrutural do oráculo de Natã, uma composição complexa. Muitos estudiosos da área bíblica, seguindo as tendências de sua época e dentro dos limites de suas técnicas de análise exegética e histórica, evidenciou que o texto de 2Sm 7,1-17 possui núcleos teológicos de períodos distintos. Em cada um desses núcleos, é possível perceber a influência de seus redatores e suas marcas ideológicas. Dessa forma, o texto não descreve as dimensões contextuais de seu momento histórico, social e político, mas revela espaços e vozes de outros ambientes. Portanto, este trabalho tem como objetivo apresentar o estado da pesquisa (status questionis) do desenvolvimento crítico-teológico em torno da perícope de 2Sm 7,1-17, delineando uma linha temporal que abarca os teóricos bíblicos dos séculos XVI ao XXI, com a intenção de selecionar um conjunto de obras que documentem a história da interpretação de 2Sm 7,1-17. Os resultados deste estudo visam apresentar um quadro evolutivo das teses relacionadas ao oráculo de Natã, que vão desde interpretações mais genéricas até as mais complexas e inovadoras.

Palavras-chave: Ideologias. Exegese bíblica. Interpretação.

Abstract

The research concerning the pericope of 2 Samuel 7,1-17 presents, along with the structural reality of Nathan's oracle itself, a complex composition. Many biblical scholars, following the trends of their time and within the limits of their exegetical and historical analytical techniques, have demonstrated that the text of 2Sm 7,1-17 contains theological cores from distinct periods. In each of these cores, it is possible to perceive the influence of their redactors and their ideological marks. Thus, the text does not merely describe the contextual dimensions of its historical, social, and political moment but reveals spaces and voices from other environments. Therefore, this work aims to present the state of research (status questionis) of the critical-theological development surrounding the pericope of 2Sm 7,1-17, outlining a timeline that encompasses biblical theorists from the sixteenth to the twenty-first century, with the intention of selecting a set of works that document the history of the interpretation 2Sm 7,1-17. The results of this study aim to present an evolutionary framework of the theses related to Nathan's oracle, ranging from more generic interpretations to more complex and innovative ones.

Keywords: Ideologies. Biblical Exegesis. Interpretation.

Artigo submetido em 11 de abril de 2025 e aprovado em 01 de setembro de 2026.

[*] Mestre em teologia bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Bacharel em Filosofia e Teologia pelo Seminário diocesano de Filosofia Rainha da Paz. Pais de Origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-1198-0254. E-mail: Gi_ptal@hotmail.com.
[**] Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Teologia pelo Instituto Superior Evangélico de Estudos Teológicos. Pós-doutor em História Antiga pela UNICAMP. País de Origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-3270-135X. E-mail: luizalexandrerossi@yahoo.com.br.

Introdução

A reflexão crítica sobre 2Sm 7,1-17 é recente. Historicamente, essa perícope foi vista como fundamental nas tradições judaico-cristãs, expressando a escolha de Deus por Davi para governar Israel (Finkelstein; Silberman, 2018, p. 21). As narrativas de 1-2 Samuel a 1-2 Reis foram consideradas provas da vontade de Javé. Interpretações idealizadas de Davi influenciaram teologias, inclusive os próprios evangelistas como Mateus e Lucas apresentaram Jesus como o legítimo rei de Israel, ligado à descendência davídica. E o judaísmo, ainda hoje, aguarda o retorno do herdeiro de Davi, que trará a Era de Ouro do passado (Baden, 2016, p. 11-14).

A partir do século XVI até o XXI, surgem interpretações que divergem das leituras anteriores, propondo novos paradigmas. Essas abordagens, influenciadas pela multidisciplinaridade, revelam que a história do rei Davi foi construída por seus descendentes em momentos específicos da história do reino de Judá, principalmente pelos escribas deuteronomistas dos períodos de Ezequias e Josias. Esses escribas tinham perspectivas teológicas e ideológicas definidas, com o objetivo de recontar a história do antigo Israel, focando no reino judaíta e sua casa real (Römer; Boyer, 2024, p. 171).

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma síntese do estado da pesquisa sobre 2Sm 7,1-17, utilizando uma metodologia bibliográfica. Reuniu-se um conjunto de autores cujas visões sobre a perícope formam um quadro evolutivo de sua interpretação. Esses autores se dividem em dois grupos: o primeiro defende a historicidade das fontes davídicas, relendo o oráculo de Natã como um evento histórico detalhado e apontando fontes documentais dentro da perícope.

O segundo grupo de autores utiliza ciências como exegese crítica, arqueologia e sociologia para debater 2Sm 7,1-17. Eles não descartam remanescentes históricos no oráculo de Natã, mas discordam que suas fontes sejam do período davídico. Revisam as posições tradicionais e sugerem que a redação do texto se situe nos séculos VIII e VII a.C. Dessa forma, esse trabalho visa contribuir significativamente para os estudos bíblicos dentro dos profetas anteriores.

1 Elementos da redação dos livros de Samuel: os primeiros debates em torno de 2Sm 7,1-17

Dentro da história da descoberta da obra Deuteronomista, uma grande massa de autores se destacou por suas críticas aos Profetas Anteriores (Römer, 2008, p. 22-28). As primeiras observações apontam divergências de autorias, como na tradição judaica, por exemplo. Esta, à primeira vista, supôs que as últimas partes do Deuteronômio teriam sido escritas por Josué, bem como o livro que leva seu nome. Os livros de Juízes e Samuel teriam sido elaborados pelo profeta Samuel, e os dois livros de Reis, por Jeremias. No entanto, essa hipótese não tardou a ser questionada. Dentro do âmbito judaico, vários rabinos, como é visível no Talmude Babilônico surgido entre os séculos II e VI d.C., no tratado de Baba Bathra-14b-15a, questionam a autoria plena de Moisés, atribuindo os versículos finais de Dt 34,6-12 a Josué (Schmid; Schröter, 2023, p. 67).

No período dos reformadores do século XVI, surgiram mais questionamentos referentes à datação e autoria dos Profetas Anteriores. João Calvino, por exemplo, em seu comentário a Josué, rejeita a hipótese de que teria sido o sucessor de Moisés o autor do livro que leva seu nome, uma vez que há estilos diferentes dentro da própria obra. Por isso, Calvino sugeriu o sacerdote Eleazar como autor. Logo, na visão do crítico reformista, algumas passagens do livro de Josué teriam caráter sacerdotal (Römer, 2008, p. 23). Em 1574, o estudioso siríaco André Masius em sua obra: *Josuae Imperatoris história illustrata atque explicata,* postulou a ideia de uma datação um pouco mais ousada. Ele procurou situar sua autoria e datação em um período mais tardio. Ele sugere que o livro de Josué, bem como Juízes e Reis, foi organizado pelo sacerdote Esdras no período persa, ou seja, entre os séculos V-IV a.C (Masius, 1574, p. 119).

Outra importante contribuição viria do filósofo judeu Baruch Spinoza. Em seu *Tractatus Theologico-politicus* (1670), postulou que tanto o Pentateuco como os Profetas Anteriores tiveram uma única composição, formando assim uma grande obra literária, cuja chave de compreensão seria o livro de Deuteronômio (Spinoza, 2004, p. 251). Dessa forma, o Deuteronômio conteria a base ideológica e interpretativa para os Profetas

Anteriores, pois houve uma continuidade de sua teologia e ideologia nesses livros. Esse fenômeno é como uma espécie de fonte que não cessa no Deuteronômio, mas continua a jorrar pelos livros subsequentes. Por isso, Spinoza optou por chamar esse fluxo de Deuteronomista (Römer, 2008, p. 23). Estas contribuições iniciais ajudaram gerações de estudiosos a avançar nas pesquisas bíblicas sobre os Profetas Anteriores.

No século XIX, novos pesquisadores continuaram a debater o processo de composição dos textos bíblicos. Com o auxílio dos estudos da linguagem, atrelados à crítica histórica, estabeleceram novos paradigmas. Nesse contexto, destaca-se Wilhelm Martin Leberecht de Wette com sua obra *Beitraege zur Einleitung in das Alte Testament, 2 vols.* (1806-1807), e sua tese de doutorado *Dissertatio critico-exegetica qua Deuteronomium a prioribus Pentateuchi libris diversum: alivs cuiusdam recentioris auctoris opus esse monstratu* (1805). Nessas pesquisas, ele faz um importante comentário apontando a origem do Deuteronômio e dos Profetas Anteriores no reinado do rei Josias. Assim, ambos os livros teriam seu contexto redacional dentro da chamada reforma de Josias, servindo como uma espécie de argumento legitimador para embasar os projetos pretendidos pela reforma. Portanto, o estudioso apresentou um posicionamento preciso, sendo o primeiro a tentar explicar a origem dos Profetas Anteriores e a propor uma chave interpretativa a partir das ideologias oriundas da corte josiânica.

O próximo pesquisador a contribuir para os estudos dos Profetas Anteriores foi Georg Heinrich August Ewald, contribuindo com sua obra *History of Israel* (1843). Nos volumes um e dois, ele seguiu as linhas de Wette e observou uma influência deuteronomista nos Profetas Anteriores. Ele identificou dois redatores em épocas diferentes: o primeiro, durante a monarquia sob Josias, incorporou tradições antigas sobre a realeza, como a ascensão de Davi e as histórias do santuário de Silo (Ewald, 1883, p. 157). A segunda redação, segundo Ewald, ocorreu durante o exílio na Babilônia, onde as histórias de Judá foram atualizadas à luz das consequências dos pecados da monarquia[1].

[1] No quadro geral de sua exposição sobre a escrita Deuteronomista, Ewald apresentou camadas deuteronômicas em: Deuteronômio, Josué e Juízes a 1-2Reis. No entanto, é difícil afirmar que este autor sugeriu um corpus Deuteronomista

Outra contribuição significativa para a pesquisa bíblica veio de Julius Wellhausen em *Prolegomena zur Geschichte Israels* (1878), onde propôs a hipótese documental. Wellhausen isolou duas fontes narrativas: a Javista (J) e a Eloísta (E), argumentando que esses documentos foram redigidos nos primeiros séculos da monarquia e, posteriormente, combinados para formar o documento Jeovista (JE) (Wellhausen, 2003, p. 28). Em relação à redação Deuteronomista, Wellhausen não se aprofundou, mencionando apenas que sua origem (D) estaria no Deuteronômio, datado do reinado de Josias no século VII a.C. Sua hipótese também abrangeu fontes mais antigas até o livro de Josué, alinhando-se à ideia do Hexateuco.

Muito pouco se falou sobre os livros de Juízes a Reis, pois a atenção da crítica bíblica do Antigo Testamento se concentrava no debate entre o Pentateuco e o Hexateuco. Wellhausen apenas salientou que os elementos deuteronômicos presentes em Juízes a Reis são justificados pelas várias redações que esses livros sofreram, desde o reinado de Josias até o período pós-exílico. Dessa forma, em sua visão, o texto de 2Sm 7 (Wellhausen, 2003, p. 237-238), também teria recebido sua redação nessa faixa temporal (Seters, 2009, p. 5).

Em síntese, os pesquisadores do século XIX confirmaram a existência de um documento deuteronomista que abrange Deuteronômio, Josué, Juízes e 1-2 Reis. Eles teorizaram que sua primeira composição ocorreu durante o reinado de Josias, dentro de um contexto histórico específico. Além disso, concordaram sobre a existência de redações posteriores, durante os períodos exílico e pós-exílico (Römer, 2008, p. 27).

1.1. Debates críticos em torno de 2Sm 7,1-17 na primeira metade do século XX

Com o advento do século XX, a pesquisa bíblica nos Profetas Anteriores passou a focar em temas específicos. Nesse contexto, iniciou-se um exame crítico mais centrado em 2Sm 7,1-17. Um dos pioneiros a propor uma exegese mais detalhada sobre o oráculo de Natã foi Leonhard Rost, em sua obra *The*

até Reis, pois sua tomada de posição a favor do hexateuco coloca o livro de Josué como limite, excluindo-o da história Deuteronomista.

Succession to the Throne of David, publicada em 1926. Essa obra trouxe um tom mais contemporâneo aos debates em torno de 2Sm 7, com críticas mais evidentes. Além disso, o autor apresentou novas hipóteses para a interpretação e formação do texto.

Rost considerava que 2Sm 7 desempenhava um papel central no amplo esquema da Narrativa de Sucessão, bem como na História Deuteronomista. Segundo ele, dentro da unidade textual de 2Sm 7, existiriam oráculos remotos que pertenceriam ao tempo de Davi e, muito provavelmente, expressariam seu contexto histórico. Dessa forma, Rost confronta os críticos anteriores, que consideravam o texto como uma produção mais tardia. Distanciando-se dessa hipótese, ele sustentou, mesmo que de forma mais fragmentada, que, dentro da narrativa, existiam antigos oráculos davídicos (Seters, 2009, p. 242).

Rost também formulou uma resposta à problemática da unidade dentro do texto de 2Sm 7. Para ele, haveria dois blocos narrativos: o primeiro, abrangendo 2Sm 7,1-17, e o segundo, 2Sm 7,18-29. Ele sustentava firmemente que o primeiro bloco não possuía conexão originária com o segundo. Além disso, ao focar nos vv. 1-17, procurou responder como os dois oráculos foram unidos. Esses são divididos pelo estudioso em dois substratos: vv. 1-7 e vv. 8-17. Para Rost, um redator teria incorporado os vv. 8-17 aos vv. 1-7 (Seters, 2009, p. 243), unindo-os para formar, assim, um único oráculo.

O resultado dessa reconstrução literária, no entanto, não foi considerado plenamente satisfatório pelos estudiosos posteriores. Ainda assim, a tese de Rost trouxe uma inovação ao propor a hipótese da existência de substratos antigos dentro de 2Sm 7,1-17. Por conseguinte, essa visão possibilitou aos críticos posteriores continuarem mapeando, no oráculo de 2Sm 7, as bases antigas da promessa divina a Davi e sua dinastia (Seters, 2009, p. 243).

Entre os anos de 1953 e 1954, foi proposto um posicionamento diferente sobre o oráculo de 2Sm 7: o argumento pela unidade do gênero literário. Essa tese foi sustentada por S. Herrmann e publicada em sua obra *Die Königsnovelle in Ägypten und in Israel*. O objetivo de Herrmann foi

demonstrar que as várias partes de 2Sm 7 estavam conectadas por uma unidade formal, inerente ao gênero literário. Para isso, ele comparou o texto de 2Sm 7 com as antigas novelas reais egípcias, conhecidas como *Königsnovelle*.

Essas novelas pertenciam a uma categoria de literatura historiográfica que combinava dois temas principais: a construção do templo e a teologia da realeza (Mccarter, 1984, p. 212). Nessas narrativas, a instituição ou a estrutura do templo, para evidenciar sua origem divina, era inspirada na figura real. Assim, o propósito do rei em construir um templo era amplamente elogiado pela divindade, que, além de permitir a construção, também concedia bênçãos ao rei por sua realização. Herrmann identificou, nesse aspecto, uma semelhança com 2Sm 7, que, de certa forma, parece seguir esse mesmo padrão. Por esse motivo, ele datou o texto da época da monarquia unida.

Outro estudioso que partiu da hipótese de Herrmann foi Artur Weiser. Em seus artigos publicados entre 1965 e 1966, Weiser considerou que as *Königsnovelle* aplicadas a 2Sm 7 datam do período salomônico, devido à influência egípcia em Israel naquele momento. A crítica posterior reconheceu um paralelo formal entre essa literatura egípcia e a narrativa de 2Sm 7. Contudo, esse paralelo restringiu-se apenas à dimensão formal, uma vez que a hipótese carece de dados históricos que comprovem, de fato, esse intercâmbio de influências.

1.1.1 A formulação da hipótese Deuteronomista de Martin Noth e seu parecer sobre a composição de 2Sm 7,1-17

Após as contribuições de Leonhard Rost e sua hipótese sobre a antiguidade dos substratos de 2Sm 7,1-17, o próximo crítico a dar ênfase significativa ao oráculo de Natã foi o alemão Martin Noth. De forma geral, Noth realizou uma nova atualização da Hipótese Deuteronomista, porém com um enfoque mais centralizado nos livros dos Profetas Anteriores, buscando averiguar sua unidade e extensão teológica.

Em 1943, Noth publicou *Überlieferungsgeschichtliche Studien: Die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke im Alten Testament*. Nesse trabalho, ele defendeu a redação e o estilo deuteronomista, afirmando que sua extensão ia do livro de Deuteronômio até Reis. Seu posicionamento se distanciou das visões formuladas no século XIX, abandonando, assim, a ideia de Hexateuco, pois não concordava com a continuidade das fontes do Pentateuco no livro de Josué (Pury; Römer, 1996, p. 43).

Em sua concepção, haveria um único redator que, de maneira coerente e honesta, teria reunido as tradições antigas sobre a história das tribos e da monarquia, formando um *magnus corpus*. Esse redator se assemelharia aos grandes historiadores gregos. Noth o chamou de "o Deuteronomista" (Dtr) e o considerou um autêntico autor, pois teria construído uma narrativa histórica do passado de Israel, seguindo fielmente uma espécie de teologia da história. Por essa razão, Noth concebeu o relato de 2Sm 7 dentro do limite da narrativa de Sucessão, entendendo esse texto como um registro histórico confiável dos tempos davídicos, preservado pelo Deuteronomista.

Sobre o início e o término da redação Deuteronomista, Noth propôs que ela começaria em algum ponto dentro do livro do Deuteronômio, mas não antes dele. Dessa forma, ele excluiu da influência Deuteronomista os livros de Gênesis a Números. Já o término da redação estaria em 2Rs 25,27-30, onde se narra a reabilitação de Joaquim pelo rei da Babilônia, que concede anistia ao monarca, tirando-o do cárcere e tratando-o com benevolência. Com base nesse relato, Noth indicou a datação da história Deuteronomista para esse período, possivelmente entre os anos de 652 a.C. e 560 a.C.

No que diz respeito a 2Sm 7,1-17, Martin Noth abordou o tema em sua obra *The Laws of the Pentateuch and Other Essays*, publicada em 1966, numa seção intitulada *David and Israel in 2 Samuel 7*. Nessa análise, Noth optou por considerar 2Sm 7 como um documento de origem extremamente antiga, remontando ao período davídico. Assim, o oráculo de Natã, para Noth, seria uma composição unificada. Contudo, ele reconheceu que a essência dessa unidade é complexa. Por meio de seu método histórico-tradicional, Noth observou que vários componentes do capítulo teriam pertencido

originalmente a diferentes mundos e contextos sociais.

Noth concebeu a unidade subjacente a 2Sm 7,1-17 na justaposição de dois temas principais: a promessa dinástica e o passado do povo de Israel. Nesse sentido, o rei Davi é apresentado como o *nagîd* (líder ou príncipe) escolhido por Deus para governar o povo. Com base nessa combinação, Noth propôs que se atribuísse a Davi uma função em Israel semelhante à da antiga federação tribal. No entanto, o estudioso alemão rejeitou qualquer conexão direta entre o estabelecimento da monarquia em Jerusalém e as antigas tradições anfictiônicas de Israel. Para ele, tal relação foi construída pela transferência da Arca da Aliança do antigo santuário tribal para a cidade real de Jerusalém (Seters, 2009, p. 243).

Entretanto, a hipótese sugerida por Noth para o capítulo de 2Sm 7 apresenta dificuldades que impedem sua aplicação, pois ela depende, primeiramente, da existência de uma liga anfictiônica tribal, uma aliança pré-monárquica que englobasse todo Israel e possuísse uma arca com um santuário central. Esse amálgama político-religioso deveria incluir as tradições do Pentateuco e as pré-deuteronomistas do livro dos Juízes (SKA, 2014, p. 136). Assim, é necessário que esses eventos históricos tenham ocorrido conforme foram narrados nos textos bíblicos.

No entanto, as recentes atualizações da exegese bíblica, juntamente com a história de Israel e a nova arqueologia, apontaram que essas narrativas estão longe de refletir o contexto histórico sugerido. Contudo, evidenciam mais as circunstâncias sócio-históricas de seus redatores do que a temporalidade narrada (Finkelstein, 2022, p. 42).

O segundo elemento problemático da suposição de Noth é sua aceitação dos eventos de 1-2 Samuel como relatos históricos. Noth considera 2Sm 7,1-17 um documento confiável que descreve o passado da realeza de Israel, retomando uma hipótese anterior e baseando-se na especulação de Rost sobre a ascensão de Davi. Ele vê os relatos de 1Sm 16,14–2Sm 5,25 e os eventos da sucessão de Davi (2Sm 6 ou 9-20 e 1Rs 1–2) como pertencentes aos reinados de Davi e Salomão. No entanto, Noth depende da suposição da existência

desses fatos para validar sua tese (Römer, 2008, p. 34-35).

Embora esse ponto careça de comprovação histórica, o estudioso levantou uma dúvida pertinente a respeito do capítulo de 2Sm 7, questionando sua relação com a história mais ampla de Davi. Esse texto é frequentemente referenciado em outras partes da Bíblia, que abordam as memórias davídicas. Além disso, alguns avanços na abordagem desse capítulo são relevantes. Destaca-se, nesse sentido, a possibilidade de ler 2Sm 7 como uma unidade, dependendo da perspectiva adotada.

2 As Contribuições dos Estudiosos da Década de 1960 a 1990

Embora Noth tenha sistematizado a hipótese Deuteronomista, como mencionado no tópico anterior, sua visão negativa sobre o passado de Israel não foi bem aceita por seus críticos. Alguns deles, como Cross e Rad, adotaram uma abordagem mais otimista, formulando temas positivos sobre a apresentação Deuteronomista da história, especialmente no que diz respeito aos fundamentos da profecia dinástica.

Os estudiosos pós-Noth, como Dennis McCarthy, em seu artigo *2 Samuel 7 and the Structure of the Deuteronomic History*, publicado em 1965, retomaram a posição de uma contribuição mais significativa da teologia Deuteronomista em 2Sm 7. McCarthy considerou esse um texto pragmático, inserido junto a vários outros que compõem a obra Deuteronomista (Dtr). Por essa razão, ele compreendeu que 2Sm 7 também reflete a ideologia Deuteronomista, especialmente no que diz respeito à história da monarquia davídica (Mccarthy, 1965, p. 133). Partindo do desdobramento da hipótese de Noth e de sua recepção em círculos mais críticos, alguns nomes se destacaram nos debates sobre 2Sm 7 na década de 1970, como Frank Cross, Timo Veijola e Tryggve N. D. Mettinger.

Frank Cross, em sua obra *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel*, publicada em 1973, seguiu o argumento de McCarthy ao reconhecer que a unidade das fontes em 2Sm 7 é imposta. Segundo Cross, originalmente, o texto seria composto por blocos que

se opõem entre si (Cross, 1973, p. 252). O historiador Deuteronomista, para superar a incongruência dessas fontes, teria criado uma unidade textual por meio de acréscimos e clichês característicos de seu estilo.

Além disso, Cross analisou o capítulo de 2Sm 7 sob a perspectiva da poética hebraica, identificando vestígios de um possível poema antigo na composição do texto em prosa (Mccarter, 1984, p. 216). No entanto, é justamente nesse ponto que reside a problemática: a tentativa de reconstituir os fragmentos e datá-los no período davídico. Nesse aspecto, Cross, assim como Noth, permanece dependente da suposição de que o passado histórico narrado pelo texto bíblico seja válido para sustentar suas hipóteses.

Outra contribuição significativa foi apresentada pelo alemão Timo Veijola em sua obra *Die Ewige Dynastie: David und die Entstehung seiner Dynastie nach der deuteronomistischen Darstellung*, publicada em 1975. Assim como Frank Cross, Veijola identificou, no capítulo de 2Sm 7, a combinação Deuteronomista de duas fontes antigas: a proibição da construção do templo (vv. 1a.2.5-7) e a promessa voltada ao filho de Davi (vv. 8a.9-10.12.14-15.17). Veijola considerou o v. 13a como sendo de origem Deuteronomista, atuando como um elemento de ligação na identificação do herdeiro de Davi, além de funcionar como um instrumento para unificar os dois oráculos.

Retomando alguns princípios estabelecidos por Rost (1926, p. 63-65), Veijola procurou identificar o oráculo mais antigo em 2Sm 7. No entanto, ao mesmo tempo em que seguia essa linha, Veijola lançou severas críticas a Rost, questionando a possibilidade de a promessa dinástica a Davi ser de um período mais tardio. Para Veijola, essa promessa não seria tardia, mas sim uma produção dos tempos salomônicos, destinada a associar o filho de Davi àquele que edificou o santuário (Seters, 2009, p. 243).

Outro posicionamento veio do crítico Tryggve N. D. Mettinger, com sua obra *King and Messiah: The Civil and Sacred Legitimation of the Israelite King*, de 1976. Ele apresentou conclusões semelhantes às de Cross e Veijola, mas com alguns aspectos diferentes. Mettinger reconheceu que, de fato, há em 2Sm 7 a presença de mãos Deuteronomistas em sua versão atual, porém não foi tão radical

em atribuir a extensão desse trabalho a toda a perícope, mas apenas aos vv. 1b.10-11a. Ele também propôs analisar o texto de 2Sm 7 em duas camadas, ou como ele as chamou, *skopoi*. A primeira camada trata da "casa", no sentido de dinastia; já a segunda refere-se ao templo de Jerusalém.

Para Mettinger, os vv. 12-15 remetem à construção do templo e à figura de Salomão. O v. 13 também se associaria a essa teologia, pois corrigiria a ambiguidade trazida pelos vv. 5-7. A segunda camada tem como ênfase a exaltação da monarquia davídica. Em sua concepção, pertencem a esse substrato os vv. 8.9.11b-16.18-22a.27-29. Mettinger considerou, ainda, que essa camada não tinha como foco indicar uma pessoa específica, mas compreendia a dinastia e o herdeiro de Davi em um sentido mais geral (Mccarter, 1984, p. 216-217).

Na década de 1980, destacou-se o estudioso Peter Kyle McCarter com sua obra *2 Samuel: A New Translation with Introduction, Notes and Commentary*, publicada em 1984. McCarter dedicou-se a uma releitura do estado da pesquisa em 2Sm 7,1-17. Retomando algumas postulações anteriores e atualizando-as, ele inovou ao trazer uma abordagem mais engenhosa para o estudo de 2Sm 7.

McCarter sugeriu que, no oráculo de Natã (vv. 1-17), poderiam ser identificadas três camadas distintas: os vv. 5b-7, 11b-16 e 13a, com o restante do texto sendo excluído. Segundo ele, o v. 13a desempenhava um papel central, funcionando como o elemento de ligação entre os versículos incongruentes. Por essa razão, McCarter afirmou que essa combinação era de origem Deuteronomista. Dessa forma, ele atualizou os estudos sobre o oráculo de Natã, argumentando que essas camadas tiveram existências independentes e foram posteriormente moldadas por mãos Deuteronomistas.

No entanto, McCarter cometeu um equívoco semelhante ao de Rost, Noth, Cross, Veijola e Mettinger, ao propor a reconstituição do material utilizado pelos redatores Deuteronomistas. Por trás dessa busca, parece residir a tentativa de salvaguardar concepções históricas sobre Davi e seus sucessores, destacando aquilo que, em sua visão, talvez não fosse de origem Deuteronomista.

Seja como for, McCarter concebeu os vv. 5b-7 como pertencentes a uma fonte profética Pré-Deuteronomista (Pré-Dtr) caracterizada por sua antiguidade, semelhante ao material encontrado em 1Samuel. Por essa razão, ele datou esse fragmento como originário do século VIII a.C. Segundo McCarter, essa fonte profética teria sido inserida no tema principal para expressar a desaprovação de Javé em relação à construção de um templo. Como ele afirma: "A tarefa de Dtr era resolver a contradição que agora existia dentro dessa história profética anterior da monarquia primitiva, de modo a sugerir que as boas intenções de Davi foram executadas por Salomão" (Seters, 2009, p. 253-254).

Além disso, McCarter identificou uma segunda fonte profética nos vv. 4-9a e 15b. Ele interpretou esses trechos como portadores de um caráter antimonárquico e anti-templo, reforçando a ideia de que essas camadas proféticas eram independentes e refletiam perspectivas críticas à monarquia e à centralização do culto no templo (Seters, 2009, p. 253).

McCarter não conseguiu resolver as discussões em torno de 2Sm 7, mas sua organização das possíveis edições antigas em três camadas representou uma das contribuições mais significativas para o debate sobre esse capítulo. Além disso, ele atualizou as funções que o texto desempenhou ao longo da história. McCarter reafirmou a legitimação tanto do templo quanto da dinastia davídica, destacando ainda o cumprimento de duas antigas promessas: o descanso de Israel e sua estabilidade, conforme mencionado em Dt 12,1-12. Dessa forma, a escola Deuteronomista teria ajustado 2Sm 7 para estar em sintonia com a narrativa maior do Deuteronômio, funcionando como o ápice dessa reconstrução histórica.

Voltando-se agora à pesquisa bíblica da década de 1990, é notável que muitos biblistas incorporaram em seus estudos as contribuições do período anterior. Contudo, no que diz respeito à proposição de novas hipóteses, não houve grandes avanços, embora releituras significativas tenham enriquecido a pesquisa bíblica. Walter Brueggemann, por exemplo, em seu comentário sobre 1 e 2 Samuel, publicado em 1990, identificou no oráculo de Natã (2Sm 7,3) a legitimação da teologia monárquica, bem como a construção do templo

por Salomão, expressa no v. 13a.

Talvez a obra mais significativa para a pesquisa crítica de 2Sm 7,1-17 na década de 1990 seja a de Lyle Eslinger, intitulada *House of David: The Rhetoric of 2Sm 7*, publicada em 1994. Eslinger fundamentou sua análise em uma abordagem estilística e gramatical, com o objetivo de compreender como as partes internas de 2Sm 7,1-17 interagiam entre si. Os resultados de sua investigação retórica revelaram a presença de diversos quiasmos no oráculo de Natã.

Eslinger concebeu que os vv. 1-3 expressavam a intenção pretensiosa de Davi em construir uma casa para Javé. Contudo, essa iniciativa seria, na verdade, um pretexto para subjugá-lo por meio de uma obrigação moral. Ele identificou a presença de uma ideologia monárquica nesses versículos, assim como nos vv. 8-9 e 11b-12-16 (Eslinger, 1994, p. 23). Além disso, Eslinger observou que os vv. 5-7 formam um quiasmo negativo com os vv. 1-3 e os vv. 12-16, numa tentativa de reverter a ideologia pró-Davi/templo. Dessa forma, ele considerou os vv. 4-7 como contrários à maior parte do oráculo de Natã e, muito provavelmente, pertencentes a um período posterior, assim como os vv. 10-11a (Eslinger, 1994, p. 24-28).

3. As Contribuições de 2000 até 2022 para a Pesquisa Crítica de 2Sm 7,1-17

Entre 2000 e 2022, as discussões sobre 2Sm 7 foram retomadas, agora respaldadas pelos avanços da crítica exegética, da arqueologia moderna, da antropologia, da sociologia e dos estudos culturais do antigo Israel e dos povos circunvizinhos. Essas disciplinas contribuíram para repensar o passado de Israel de forma mais realista e menos idealizada.

As novas abordagens arqueológicas permitiram uma datação mais precisa e, ao mesmo tempo, mais tardia para o período do Antigo Israel (Finkelstein, 2022, p. 22-23). Nesse contexto, os grandes eventos atribuídos ao período monárquico e à ideia de uma monarquia unificada sob Davi e Salomão revelaram-se mais ideológicos do que propriamente históricos

(Nakanose; Dietrich, 2022, p. 29). Ao examinar os períodos históricos desses reis, verificou-se que a extensão territorial de seus governos era mínima. Judá, nos séculos X e IX a.C., possuía apenas uma pequena faixa de terra, com quase nenhuma fertilidade (Kaefer, 2015, p. 50).

Dessa forma, muitas perguntas surgiram, entre elas: por que atribuir uma "era de ouro" a um período com tão poucas riquezas? (Kaefer, 2018, p. 35-36). Uma nova visão sobre o processo de redação das obras Deuteronomistas e Sacerdotais emergiu, destacando que sua participação na construção da história de Israel não foi tão ingênua como Noth (1943) pensava. Pelo contrário, foi mais intensa e ideológica, provavelmente elaborada em Judá no século VII a.C (Finkelstein, 2018, p. 197-198).

Segue-se, agora, as principais contribuições críticas dos estudiosos entre 2000 e 2022. Iniciando por Tony W. Cartledge, em seu comentário sobre *1 e 2 Samuel* de 2001, o autor reconheceu que o capítulo de 2Sm 7 possui a finalidade de promover uma legitimação ideológica: “Este capítulo é o clímax ideológico e teológico dos livros de Samuel, bem como de toda a História Deuteronomista” (Cartledge, 2001, p. 447).

Cartledge também divide o capítulo em camadas literárias, sem se preocupar em desvendar ou comprovar a antiguidade dessas camadas, mas considerando a versão atual como plenamente Deuteronomista. Em sua hipótese, os versículos 1-3, 11b-12 e 13b-15a estão em sintonia com o processo de legitimação dinástica, algo comum no Antigo Oriente Próximo. Segundo Cartledge, o redator de 2Sm 7 apropriou-se de gêneros literários de outras culturas, como a Assíria. Uma vez que construir um templo para a divindade era, nesse contexto, uma forma de alcançar legitimidade, funcionando como uma espécie de propaganda régia. Por isso, os versículos 11-12 ganham maior sentido quando analisados sob essa perspectiva, pois mantêm o tom pró-templo.

Para resolver a polêmica da rejeição do templo por Javé, Cartledge argumenta que os versículos 4-7, 9b e 15b provêm de círculos proféticos do período do exílio na Babilônia, quando o templo estava em ruínas e a monarquia já não existia. Ele sugere que, durante o exílio, houve uma

releitura dos eventos catastróficos à luz do pecado cometido contra Javé. Os redatores, com uma visão anti-templo, preferiram resgatar tradições mais antigas, possivelmente do período nômade-tribal, em que Javé era apresentado como uma divindade em constante movimento, livre de qualquer aprisionamento por estruturas humanas. Nesse contexto, Javé acompanhava o povo em sua tenda, como indicado no v.6b (Cartledge, 2001, p. 448-451).

Dessa forma, Javé nunca teria desejado estruturas luxuosas, e tal suposição seria considerada presunçosa. Assim como no passado ele jamais pediu que construíssem um templo para si, também não o faria no presente (v. 7). A ideia subjacente a esse acréscimo é que a realeza foi fundada por um ato livre de Javé, e não por barganha ou mérito humano. Tudo o que Davi conquistou é apresentado como um dom gratuito de Javé, e não como mérito exclusivo do rei. Da mesma forma, o estabelecimento de seu reino dependeria inteiramente da vontade divina.

Partindo da arqueologia e da reconstrução histórica de Israel, destaca-se outro importante nome: Israel Finkelstein. Em sua obra *David and Solomon: In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition* (2006), Finkelstein dedica um capítulo à análise do tema do templo e da dinastia. Utilizando métodos mais sofisticados de datação e reconstrução do contexto histórico, ele trouxe contribuições significativas para a interpretação de 2Sm 7.

Israel Finkelstein iniciou sua análise pelo fim do Reino de Israel Norte, destruído pelos assírios no século VIII a.C., e pela subsequente inserção de Judá na política internacional assíria como um reino vassalo. Nesse contexto, suas observações indicam um rápido crescimento socioeconômico em Judá. Além do incremento no comércio, registraram-se avanços significativos na infraestrutura, como o famoso aqueduto de Ezequias e as fortificações das muralhas da capital judaíta (Liverani, 2014, p. 197).

Jerusalém, por exemplo, que até o final do século IX a.C. era uma modesta cidade montanhosa com cerca de dez a quinze acres, transformou-se em uma cidade fortificada com aproximadamente 150 acres. No âmbito

demográfico, as estimativas de Finkelstein indicam que a população de Jerusalém passou de cerca de mil habitantes para aproximadamente doze mil, um número significativo para os padrões urbanos do antigo Oriente Próximo.

Finkelstein atribui parte desse crescimento à chegada de refugiados provenientes do sul da Samaria, especialmente das regiões próximas a Betel. Esses refugiados foram acolhidos tanto em centros urbanos quanto em áreas rurais de Judá, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento urbano, econômico e literário do Sul. Esse processo marcou o início da transformação de Judá em "Israel" (Finkelstein, 2018, p. 249).

A informação sobre a origem dos migrantes incluir Betel é significativa, pois segundo o estudioso, nessa localidade, foram encontradas evidências de uma política montanhosa do século X a.C., relacionadas às tradições de Saul. Assim como os relatos sobre Davi, essas tradições teriam sido transmitidas oralmente ao longo de séculos, tornando-se uma memória local que contribuiu para a formação de uma identidade regional. De acordo com Finkelstein, esse acervo cultural provavelmente não foi abandonado pelos refugiados, mas permaneceu com eles ao serem acolhidos em Judá (Finkelstein, 2006, p. 137).

É nesse contexto que Finkelstein situou o surgimento do conceito de Monarquia Unida, interpretando-o como uma solução dissolvida pelo governante de Judá para unificar a sociedade emergente em meio a esse período de rápidas transformações (Finkelstein, 2006, p. 144). Além disso, durante o reinado de Josias, surgiu a ambição de anexar os territórios do antigo reino de Israel Norte — abandonados devido à decadência do Império Assírio — aos domínios da casa de Davi em Jerusalém.

Ele sugeriu que uma narrativa favorecendo Salomão, juntamente com a legitimidade do templo, a uniformidade ritualística, bem como a integração da população, pode ter sido elaborada no período de Ezequias. Pois assim, ele poderia neutralizar-se qualquer superioridade simbólica do Norte sobre Judá, além de reverter hostilidades dos ex-Israelitas contra Davi e Salomão (Finkelstein, 2006, p. 143). Logo, o oráculo de Natã em 2Sm 7 refletiria o processo

mencionado, destacando que Davi está acima de qualquer rei israelita, sendo o fundador da dinastia judaíta mais poderoso até que os reis omridas. Javé o escolheu e estabeleceu uma aliança eterna com ele.

Outro nome de destaque é Milton Schwantes. Em seu artigo *"Uma promessa de Dinastia para Davi na ótica de Jerusalém: anotações sobre Messianismo e davidismo em 2Sm 7"*, publicado na *Revista de Cultura Teológica* em 2008, Schwantes investiga o capítulo de 2Sm 7 como uma possível base para a teologia messiânica. Contudo, ele direciona sua análise para alguns detalhes redacionais do capítulo, que são fundamentais para uma compreensão mais atualizada do texto.

Schwantes destacou que 2Sm 7 ocupa um lugar especial na composição literária dos livros de Samuel, situando-se entre o final da História da Ascensão de Davi e o início da narrativa sobre a Sucessão ao Trono (Schwantes, 2008, p. 15). Ao analisar a narrativa, argumentou que ela aborda dois temas principais: a profecia de Natã (vv. 3-16) e a oração de Davi (vv. 18-28). Contudo, o tema central reside na promessa dinástica feita a Davi.

Sobre a temática do templo, Schwantes considerou que ela aparece como uma agregação ao tema principal. Em relação à oposição apresentada nos vv. 5-7, o autor identificou uma crítica ao templo, que, segundo ele, estaria vinculada às tradições pré-estatais. No entanto, Schwantes acredita que essa crítica possui maior probabilidade de origem no ambiente tribal, em vez de estar relacionada ao período exílico ou pós-exílico. Ainda assim, o estudioso não descarta a possibilidade de uma redação pós-exílica para os vv. 5-7 (Schwantes, 2008, p. 20).

Sobre a origem da promessa da dinastia davídica, Schwantes apontou Jerusalém como seu provável berço. Nesse sentido, o oráculo de Natã, em 2Sm 7, estaria inserido na tradição jerusolemitana, configurando-se como uma promessa palaciana proveniente da capital real (Schwantes, 2008, p. 24).

Outro ponto levantado por Schwantes foi a ausência de referência a Judá na narrativa de 2Sm 7. Segundo o estudioso, o foco parece estar em Israel, o que

é curioso, considerando que Judá é o ambiente de origem da casa davídica. Diante disso, Schwantes concluiu que o termo "Israel" foi empregado no texto em um sentido histórico-teológico, representando o conjunto de todas as tribos de Israel. Essa escolha pode estar relacionada à ideologia pan-israelita, funcionando como um recurso estratégico para legitimar a criação de uma unidade política única, que teria Judá como ponto de partida e abarcaria todo Israel (Schwantes, 2008, p. 26).

Um nome de destaque nos estudos exegéticos de 2Sm 7 é John Van Seters. Em sua obra *The Biblical Saga of King David* (2009), ele revisou elementos para a interpretação do capítulo e organizou as principais teorias sobre o oráculo de Natã. Seters situou 2Sm 7,1-17 no contexto da história de Davi, alinhando-se à narrativa Deuteronomista. Ele contestou as teses de McKenzie e McCarter, que viam o v.1 como chave interpretativa, argumentando que o v.2 é o verdadeiro tema central. Para Seters o v. 2 retomaria a entrada da arca em Jerusalém e expressaria o desejo de Davi de construir uma casa permanente para a arca de Javé, simbolizando a presença divina (Seters, 2009, p. 256).

Seters abordou uma questão levantada por McKenzie, que sugeriu que o descanso concedido a Davi por Javé ocorreu após a derrota de todos os seus inimigos (v. 1b). Ele observou que essa interpretação contradiz os capítulos subsequentes, especialmente 2Sm 8,20. A solução proposta foi a hipótese de corrupção textual, onde o original de 2Sm 7 teria sido alterado no v. 11a, mudando "eu vos darei descanso" para "e lhe darei descanso". No entanto, Seters rejeitou essa ideia, argumentando que uma mudança no texto envolveria mais do que um simples sufixo. Ele sustentou que o v. 1b foi redigido intencionalmente, inspirado nos anais assírios, funcionando como uma introdução militar (Seters, 2009, p. 257).

Além disso, Seters atualizou a hipótese sobre o momento em que teria ocorrido a promessa em 2Sm 7 na trajetória de Davi. Segundo sua tese, essa promessa se situaria ao final da carreira de Davi, e não no início de seu reinado, como sugere a adição das sagas de Davi. Assim, para o estudioso, o conteúdo de Deuteronômio em 1Rs 5,18[3-4] — que afirma que Davi passou toda a sua vida lutando contra seus inimigos e, por essa razão, não pôde construir o templo —

não contradiz 2Sm 7,1b (Seters, 2009, p. 258).

Uma importante atualização sobre os estudos de 2Sm 7 veio do exegeta Thomas Römer, em seus livros *A chamada história deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária*, de 2008, e *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*, de 2016. Ele não fez uma longa abordagem específica do oráculo de Natã em questão, mas salientou alguns aspectos para sua interpretação, bem como para os dois livros de Samuel em geral. Sobre eles, Römer salientou que estão longe de possuir uma boa unidade, pois são heterogêneos. As tradições neles contidas apresentam interrupções abruptas e descontinuidades de um bloco para outro. Além disso, a divisão dos dois livros sofre de artificialidade. Todos esses fatores levam ao abandono da ideia de uma única autoria para os livros de Samuel e ao reconhecimento de que sua construção se deu pela integração de diversas coleções de tradições.

Römer sugere que 2Sm 7 pode ter uma origem no século VII a.C., durante o reinado de Josias, incluindo o oráculo de Natã. Ele argumenta que esse capítulo não é uma criação da escola deuteronomista do período babilônico ou persa, mas uma propaganda de legitimação do reinado de Josias como "o novo Davi" (Römer, 2008, p. 100). Quanto ao templo, Römer afirma que Davi não construiu um santuário porque já poderia existir um em Jerusalém, possivelmente dos Jebuseus, conforme sugerido em 2Sm 12 (Römer, 2016, p. 97).

Outra contribuição extremamente importante para a atualização da pesquisa sobre 2Sm 7,1-17 veio do arqueólogo israelense Omer Sergi com seu artigo *The Composition of Nathan's Oracle to David (2 Samuel 7,1-17) as a Reflection of Royal Judahite Ideology* (2010). Seu trabalho combinou resultados arqueológicos com exegese, oferecendo novas interpretações do oráculo de Natã, incluindo suas etapas redacionais e os motivos para seu surgimento. Sergi identificou em 2Sm 7,1-17 uma produção ideológica que legitimou os projetos nacionalistas e expansionistas da dinastia davídica (Sergi, 2010, p. 266).

Sergi propôs três períodos históricos para a redação de 2Sm 7,1-17: um Pré-Deuteronomista, um Deuteronomista e um Pós-Deuteronomista. Ele apresenta esse argumento com base em partes do próprio oráculo de Natã. Assim,

corresponderiam ao período Pré-Deuteronomista, ou seja, ao século IX a.C., os vv. 1a, 2-3 e 11b (Sergi, 2010, p. 268-269). O segundo período, o Deuteronomista, seria do século VII a.C., com os vv. 1b-4, 6a, 8-9, 11a e 12-16. A última camada redacional ele atribui ao pós-exílio, sob a influência da teologia do Segundo Templo, nos séculos V-IV a.C. De acordo com o estudioso, para cada uma dessas camadas redacionais houve a influência de ideologias diferentes, conforme seus contextos históricos. Isso acabou por gerar um texto complexo, com uma estrutura literária artificial (Sergi, 2010, p. 278-279).

No entanto, com as novas descobertas arqueológicas realizadas entre 2015 e 2022, apresentadas por Israel Finkelstein, José A. Kaefer e Luiz J. Dietrich, somadas ao avanço dos estudos sobre a escrita em Judá por Konrad Schmid, Jens Schröter e Thomas Römer, além da compreensão sociológica e histórica de Judá no século IX a.C., foi possível atualizar alguns posicionamentos postulados por Sergi em 2010. É evidente que ele acertou ao perceber a unidade positiva de 2Sm 7,1-3.11b. No entanto, os argumentos que ele utilizou para comprovar a primeira etapa redacional não coincidem com o contexto histórico mais relevante.

O estudioso considerou a existência de uma redação Pré-Deuteronomista para o oráculo de Natã, cujo material faria parte de uma fonte antiga sobre a história da monarquia davídica. Segundo Sergi, o que teria motivado a criação desse material foi a reconstrução do espírito nacionalista, que estava comprometido devido à ascensão de Atalia (Sergi, 2010, p. 267). Assim, o contexto da redação da primeira camada de 2Sm 7 seria o declínio do reinado de Atalia em Judá, no século IX a.C., com a reintegração da monarquia davídica.

No entanto, isso é provavelmente impossível; mesmo que Judá tenha se libertado da dominação dos reis Omridas, não conseguiu se desenvolver economicamente, permanecendo refém dos interesses de Damasco e conseguindo expandir seu território apenas até o vale de Bersabeia. Além disso, com a derrocada de Hazael e a ascensão de Joás ao trono de Israel Norte, Judá voltou a ser subjugada (Finkelstein, 2015, p. 154-159).

Portanto, é muito provável que a origem da primeira camada de 2Sm 7,1-3.11b esteja sob a influência do contexto histórico da reforma de Ezequias, no final

do século VIII a.C., uma vez que, nesse período, as condições socioeconômicas eram favoráveis ao surgimento de uma literatura mais complexa (Finkelstein, 2022, p. 41). Além disso, os motivos que levaram à criação de uma literatura de legitimação para a casa real de Davi são mais evidentes no final do século VIII a.C. do que na segunda metade do século IX a.C. (Lowery, 2009, p. 221-238). Atualizando este aspecto da contribuição de Sergi, o restante de sua hipótese é extremamente relevante para a pesquisa de 2Sm 7,1-17.

Vale mencionar, ainda, que a recente publicação da obra *Uma História de Israel: Leitura Crítica da Bíblia e Arqueologia*, de 2022, representou um marco significativo para a pesquisa bíblica no Brasil. Organizada pelos pesquisadores Shigeyuki Nakanose e Luiz José Dietrich, com contribuições dos estudiosos José Ademar Kaefer, Maria Antonia Marques e Antonio Carlos Frizzo, a obra reúne as mais recentes atualizações das pesquisas bíblicas exegéticas em diálogo com as pesquisas arqueológicas para a reconstrução da história do Antigo Israel. Dessa forma, adota uma abordagem equilibrada em relação ao texto bíblico, analisando-o criticamente, sem considerá-lo de imediato como verdade histórica nem descartá-lo como algo artificial.

Os estudiosos também adotaram a baixa cronologia (método de datação formulada a partir análise radiocarbono-14 presentes em materialidades orgânicas), o que permitiu a utilização de evidências arqueológicas na interpretação do texto bíblico, com o objetivo de partir do contexto histórico de seus redatores. Essa publicação contribuiu significativamente para a compreensão dos contextos socioculturais por detrás de 2Sm 7,1-17, possibilitando uma reconstrução histórica mais coerente.

Em síntese, esses foram alguns dos recortes considerados relevantes nos debates acerca de 2Sm 7. Há outras contribuições críticas que poderiam ser mencionadas; contudo, optou-se por destacar aquelas apresentadas acima. Como ficou evidente, são inúmeros os posicionamentos da crítica sobre 2Sm 7,1-17, abrangendo desde as abordagens mais literais até as mais complexas.

Conclusão

A pesquisa sobre a perícope de 2Sm 7, 1-17 revela a complexidade do oráculo de Natã e a sua importância na construção da narrativa histórica e teológica do Antigo Israel. Através da análise de diversos estudiosos, ficou evidente que o texto não é apenas um relato histórico, mas sim uma construção que reflete as ideologias dos redatores de diferentes períodos. Essa multiplicidade de influências sugere que a interpretação de 2Sm 7 deve ser abordada com uma perspectiva crítica e contextualizada, levando em consideração as condições sociais, políticas e religiosas de cada época.

Os novos paradigmas surgidos a partir do século XVI até o XXI revelam um movimento crítico que se distancia das interpretações idealizadas, propondo uma análise mais profunda das narrativas bíblicas. Essas abordagens contemporâneas sugerem que a história de Davi foi construída por seus descendentes e recontada por escribas que tinham objetivos teológicos bem definidos (Finkelstein, 2018, p. 197).

A relação entre exegese e arqueologia, proposta por esta pesquisa, é um passo significativo para a compreensão da história do antigo Israel. A análise conjunta dessas disciplinas ilumina aspectos que, isoladamente, não seriam plenamente compreendidos, sendo essencial para a reconstrução do passado e das dinâmicas sociais e políticas que moldaram a narrativa bíblica. Além disso, a pesquisa vai além de um levantamento bibliográfico, buscando contribuir para o debate teológico contemporâneo e oferecendo novas perspectivas sobre a monarquia judaíta e suas implicações religiosas e sociais. A reflexão crítica sobre 2Sm 7, 1-17 enriquece o entendimento acadêmico e provoca questionamentos sobre a relevância dessas narrativas atualmente.

Em suma, a perícope de 2Sm 7, 1-17 exemplifica a intrínseca ligação entre história e teologia. A análise crítica revela que as narrativas bíblicas são dinâmicas e sujeitas a reinterpretações ao longo do tempo. A pesquisa apresentada busca não apenas atualizar o conhecimento, mas também fomentar um diálogo contínuo entre passado e presente, texto e contexto, tradição e inovação. Essas considerações finais reafirmam a importância de

uma abordagem crítica e multidisciplinar na pesquisa bíblica, destacando a riqueza e complexidade da interpretação de 2Sm 7, 1-17, que reflete as tensões e transformações da sociedade israelita ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS

BADEN, Joel. **Davi**: A vida real de um herói bíblica. Tradução de Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BRUEGGEMANN, Walter. **First and Second Samuel:** Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching . Louisville: John Knox, 1990.

CALVINO, João. **Commentaries on the Book of Joshua**. Grand Rapids: Eerdmans, 1949.

CARTLEDGE, Tony. **1 e 2 Samuel.** Mancon: Smyth & Helwys Publishing, 2001.

CROSS, Frank Moore. Canaanite myth and Hebrew epic: essays in the history of the religion of Israel. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.

ESLINGER, Lyle. House of God or House of David: The Rhetoric of 2 Samuel 7. **Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 164**. Sheffield: JSOT, 1994.

EWALD, Heinrich. **The history of Israel***:* introduction and preliminary history. Translated from the German by Russell Martineau, M.A. London: Longmans, 1883.

FINKELSTEIN, Israel; RÖMER, Thomas. **Às origens da torá**: novas descobertas arqueológicas, novas perspectivas. Tradução de Renato Adriano Pezenti. Petrópolis: Vozes, 2022.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A bíblia desenterrada:** A nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2018.

FINKELSTEIN, Israel. **O reino esquecido:** Arqueologia e história de Israel norte. Tradução de Silas Klein Cardoso. São Paulo: Paulus, 2015.

FINKELSTEIN, Israel. **David and Solomon**: In Search of the Sacred Kings of the Bible and the Roots of the Western Tradition. New York: Free Press, 2006.

KAEFER, José Ademar. Quando Judá se tornou Israel**. Pistis&Praxis**. Paraná, v.12, n.2, maio. 2020. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/27100. Acesso em: 20 abr. 2022.

KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a Arqueologia:** E a história de Israel e Judá. São Paulo: Paulus, 2015.

KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2018.

HERRMANN, S. **Die Königsnovelle in Ägypten und in Israel**. *WZK-MUL* 3/1, 1953.

LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia**: História Antiga de Israel. Tradução de Orlando Soares Moreira. 2ª ed. São Paulo: Loyola/Paulus, 2014.

LOWERY, Richard H. **Os reis reformadores**: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo. Tradução de Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2009.

MASIUS, André. **Josuae Imperatoris história illustrata atque explicata**. Ex officina Chrisftophori Pantini, 1574.

MCKENZIE, S. L. **The Trouble with Kings**. VTSup 42. Leiden: Brill, 1991.

MCCARTHY, Dennis. J. 2 Samuel 7 e a Structure of the Deuteronomistic History. **Journal of Biblical Literature.** v.84, n.2, jan.1965. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3264134.pdf. Acesso em: 5 mar. 2023.

MCCARTER, Peter Kyle**. I Samuel.** Garden City, NY: Doubleday, 1980.

MCCARTER, Peter Kyle**. II Samuel**. Garden City, NY: Doubleday, 1984.

METTINGER, Tryggve N. D. ***King and Messiah: The Civil and Sacred Legitimation of the Israelite King*.** CBOTS 8. Lund: Gleerup, 1976.

NAKANOSE, Shigeyuki. O período Exílico e seu movimento sociorreligioso *In*: NAKANOSE, Shigeyuki; DIETRICH, Luiz José (Orgs). **Uma história de Israel**: Leitura Crítica da bíblia e arqueologia. São Paulo: Paulus, 2022. cap.4, p. 155-215.

NOTH, Martin. Überlieferungsgechichtliche Studien: die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke im Alten Testament (1943). **Königsberger Gelehrten Gesellschaft, Geisteswissenschaftliche Klasse.** Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft. Jahrg. 18, Heft 2, p. 43-266. 1963.

NOTH, Martin .David and Israel in II Samuel VII. In: NOTH, Martin. **The Laws of the Pentateuch and Other Essays.** Edinburgh: Oliver & Boyd, 1966.

PURY, Albert de; RÖMER, Thomas. O Pentateuco em questão: posição do problema e breve história da pesquisa. In: PURY, Albert de (org.). **O Pentateuco em questão**: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 15–85.

RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento**: história, escritura e teologia. Tradução de Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2010.

RÖMER, Thomas. **A chamada história Deuteronomista**: introdução sociológica, histórica e literatura. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2008.

RÖMER, Thomas. **A origem de Javé**: o Deus de Israel e seu nome. Tradução de Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016.

RÖMER, Thomas; BOYER, Frédéric. **Uma bíblia pode esconder outra**: o conflito dos relatos. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2024.

ROST, Leonhard. **The Succession to the Throne of David**. Translated by Michael D. Rutter and David M. Gunn. Sheffield: Almond, 1982.

SERGI, Omer. The composition of Nathan's oracle to David (2 Samuel 7:1–17) as a reflection of royal Judahite ideology**. Journal of Biblical Literature**, v. 129, n. 2, p. 261–279, 2010. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/27821018. Acesso em: 10 mar. 2023.

SCHMID, Konrad; SCHRÖTER, Jean. **O surgimento da bíblia:** dos primeiros textos às sagradas escrituras. Tradução de Uwe Wagner. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2023.

SCHWANTES, Milton. Uma promessa de Dinastia para Davi na Ótica de Jerusalém: Anotações sobre Messianismo e Davidismo em 2Samuel 7. **Revista de cultura teológica.** São Paulo, n.63, 2008. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15612.pdf. Acesso em: 5 jan. 2023.

SKA, Jean-Louis. **O Antigo Testamento explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele**. São Paulo: Paulus, 2014.

SPINOZA, Baruch. **Tratado teológico-político.** Tradução de Diego Pires Aurélio. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004.

SETERS, John Van. **The Biblical Saga of King David.** Winona Lake: Eisenbrauns, 2009.

VEIJOLA, Timo. **Die ewige Dynastie. David und die Entstehung seiner Dynastie nach der deuteronomistischen Darstellung.** Annales Academiae Scientiarum Fennicae B 193. Helsinque: Suomalainen Tiedeakatemia, 1975.

WEISER, Artur. **Die Legitimation des Königs David:** Zur Eigenart und Entstehung der sogen. Geschichte von Davids Aufstieg. Vetus Testamentum. Vol. 16, Fasc. 3 p. 325-354. jul. 1966.

WETTE, Wilhelm Martin Leberecht De. **Beiträge zur Einleitung in das Alte Testament. 2vols**. Halle: Schimmelpfennig, 1806-1807 (reimpressão em 1 volume: Hildesheim: George Olms, 1971).

WETTE, Wilhelm Martin Leberecht De**. Dissertatio critico-exegetica qua Deuteronomium a prioribus Pentateuchi libris diversum**: alivs cuiusdam recentioris auctoris opus esse monstratu. Ienae: Literis Etzdorfii, 1805.

WELLHAUSEN, Julius. **Prolegomena to the History of Israel.** English translation by Geoffrey Cowling. Illinois (USA): Project Gutenberg, 2003.